

COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA ENTRE ENFERMEIROS E FAMILIARES IDOSOS DE PACIENTES EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Laura Cristhiane Mendonça Rezende- UFPB – lauracristhiane@hotmail.com

Kátia Neyla de Freitas Macêdo Costa – UFPB – katianeyla@yahoo.com.br

Kaisy Pereira Martins - UFPB – kaisyjp@hotmail.com

Introdução: A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um local preparado para atender pacientes graves ou potencialmente graves, mas recuperáveis. No momento em que um membro da família é hospitalizado, nesta unidade, todo equilíbrio emocional do grupo familiar é afetado, pelo distanciamento e por não ter a possibilidade de assumir parte do cuidado, gerando sentimento de impotência, desolação e culpa.¹ Neste sentido, o foco do trabalho da enfermagem é o cuidado fundamentado no estabelecimento de vínculos, na construção de relações, devendo ser um facilitador na promoção da saúde e do bem-estar biopsicossocial e emocional do cliente e sua família, conduzindo-os às melhores formas de enfrentamento do processo de doença e hospitalização.² Para tanto, se faz necessário o uso da comunicação terapêutica, pois é um dos mais importantes aspectos do cuidado de enfermagem, e por meio dela, é possível realizar uma melhor assistência ao paciente e seus parentes idosos que estão vivenciando ansiedade e estresse decorrente da hospitalização, especialmente em caso de longos períodos de internação ou quando se tratam de pacientes críticos, como aqueles que se encontram em uma UTI.³ Tendo em vista a importância da temática, o presente estudo teve como objetivo analisar a comunicação terapêutica entre

enfermeiros e familiares idosos de pacientes internados em Unidade de Terapia Intensiva. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de natureza descritiva, exploratória e abordagem qualitativa, realizado em um hospital de referência, localizado no município de João Pessoa-PB, na Unidade de Terapia Intensiva da instituição. A escolha dessa unidade é justificada pelas condições críticas de saúde dos pacientes, e conseqüente fragilidade emocional de seus familiares idosos, que desta forma também necessitam de atenção e cuidados por parte dos enfermeiros. Cabe destacar que para a realização deste estudo foram considerados os aspectos éticos preconizados pela Resolução Nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁴, que normatiza a pesquisa envolvendo seres humanos, tendo parecer favorável sob o número de protocolo 336/11. Fizeram parte do estudo 13 familiares de pacientes em UTI, que estavam na sala de espera para realização da visita, durante os meses de agosto e setembro de 2011. Foram inclusos os parentes com 60 anos ou mais e que já haviam visitado o paciente em outra ocasião. Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevista semiestruturado. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, utilizando as seguintes etapas: a) Leitura flutuante (pré-análise): são leituras e releituras constantes para a organização do material analisado, para a sistematização de dados; b) Análise temática: transformação dos dados brutos em unidades de compreensão do texto (núcleos de sentido) para a classificação e a agregação dos dados, procurando identificar as categorias que comandarão a especificação dos temas; c) Tratamento dos resultados: organização de uma estrutura condensada das informações para permitir, especificamente, reflexões e interpretações sobre cada categoria apresentada, utilizando os fragmentos das falas dos próprios sujeitos participantes da pesquisa.⁵ **Resultados e Discussão:** Por meio dos relatos dos familiares idosos foram elencadas três categorias: Categoria 1: Tempo dedicado à comunicação: nesta categoria procurou-

se identificar se os enfermeiros dedicam tempo à comunicação com o familiar idoso. Seguem os principais depoimentos: *Não dedicam tempo, é como se a função deles fosse só cuidar do paciente; e [...] desde que a gente tenha a iniciativa e pergunte, mas parece que não querem falar com a gente, se distanciam, se afastam, acho que para as enfermeiras é mais trabalhoso ter que vir até nós.* Observa-se que os profissionais de enfermagem mantêm um distanciamento do familiar e não destina o tempo necessário à interação com os mesmos. A comunicação pode ser utilizada como instrumento de ajuda terapêutica, para tanto, o enfermeiro deve ter conhecimentos fundamentais sobre as bases teóricas da comunicação e adquirir habilidades de relacionamento interpessoal para agir positivamente na assistência ao paciente. Nessa perspectiva, para que esta possa fluir bem, o enfermeiro deve saber escutar, falar quando necessário, dar abertura para realização de perguntas, ter honestidade, demonstrar respeito, dispensar tempo suficiente para a conversa e mostrar interesse, entre outras habilidades.⁶ *Categoria 2: Orientações disponibilizadas pelos enfermeiros:* nesta categoria buscou-se verificar se os enfermeiros orientam os familiares antes da realização da visita. Seguem os principais depoimentos: *Nunca chegaram pra me falar nada, mas perguntei; e Não tive informações, só algumas orientações gerais, coisas básicas sobre horário, saber tocar, mas sobre o ambiente, as máquinas, não.* Os relatos mostram que os familiares idosos não recebem orientações adequadas por parte dos enfermeiros e quando estas informações são disponibilizadas, referem-se apenas a procedimentos de rotina, desconsiderando orientações importantes acerca da estrutura da unidade e condição do paciente. As orientações realizadas ao familiar, principalmente os idosos de pacientes em UTI, significam não apenas um elemento importante para o cuidado prestado, como também, um avanço no estabelecimento da relação interpessoal, possibilitando uma comunicação mais efetiva e o compartilhamento de



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

significados emergentes diante da situação estressante de ter um parente na UTI.¹

Categoria 3: Uso de uma linguagem compreensível: nesta categoria buscou-se identificar se os enfermeiros, ao comunicar-se com os familiares idosos, utilizavam uma linguagem simples, que permitisse aos mesmos uma adequada compreensão.

Seguem os principais relatos: *É, eles falam algum termo técnico que usam aqui, mas eu pergunto o que significa; e [...] quando não entendo sou bem sincera, fale o português rasteiro, não em termos científicos.* Por meio dos relatos, observa-se que os profissionais utilizam termos técnicos durante a interação com o familiar idoso, dificultando assim o processo comunicativo. Um estudo realizado no estado de São Paulo constatou que os familiares consideram que a comunicação adequada é aquela em que as informações sobre o estado do paciente acontecem nos horários da visita e são transmitidas de uma maneira simples, clara e objetiva, sem o uso de termos difíceis, para a compreensão até de pessoas com menos escolaridade.⁷

Conclusão: Os resultados permitiram observar que o processo comunicativo entre enfermeiros e familiares idosos de paciente em UTI não ocorre de maneira eficaz, podendo-se perceber que os profissionais não disponibilizaram de tempo para dar mais apoio e tranquilidade ao familiar idoso. Verificou-se ainda que as orientações fornecidas foram apenas de cuidados básicos e que muitas vezes, o enfermeiro utilizou termos técnicos para se comunicar com esses familiares. Neste sentido, é indispensável um cuidado de enfermagem efetivo, que considere a comunicação terapêutica como elemento essencial ao cuidado destes familiares, possibilitando a minimização dos sentimentos negativos vivenciados por eles. Para que isto aconteça, é preciso conscientizar estes profissionais do seu papel enquanto cuidadores também da família, para que assim o cuidado de enfermagem torne-se de fato humanizado.



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Referências

1. Silveira RS, Lunardi L, Lunardi Filho WD, Oliveira AMN. Uma tentativa de humanizar a relação da equipe de enfermagem com a família de pacientes internados na UTI. *Texto Contexto Enferm.* 2005, 14 (Esp.): 125-30.
2. Moraes GSN, Costa SFG, Fontes WD, Carneiro AD. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. *Acta Paul Enferm.* 2009;22(3):323-7.
3. Oriá, MOB, Moraes, LMP, Victor, JF. A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente hospitalizado. *Revista Eletrônica de Enfermagem.* 2004; 06 (02): 292-297.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de ética em Pesquisa – CONEP. Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos, 2002.
5. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa (Po): Edições 70; 2009.
6. Pontes AC, Leitão IMTA, Ramos IC. Comunicação terapêutica em enfermagem: instrumento essencial do cuidado. *Rev. Bras. Enferm.* 2008;61(3):312-8.
7. Inaba, LC, Silva, MJP, Telles, SCR. Paciente crítico e comunicação: visão de familiares sobre sua adequação pela equipe de enfermagem. *Rev. esc. enferm. USP.* 2005; 39 (04): 423-9.